

## O universo das cores do artista plástico Luciano Pinheiro: arte, memória e narrativa no período de redemocratização

ELIZABET SOARES DE SOUZA\*

Sabemos que a análise das narrativas, ou relatos de memórias<sup>1</sup>, tem-se tornado um valioso instrumento de investigação por parte de pesquisadores interessados em compreender o processo de construção da identidade. Dessa forma, acreditamos que “refletir acerca de uma história de vida a partir de um relato oral de memória é debruçar-se sobre fragmentos que o narrador – ainda que com a participação do entrevistador – selecionou para construir uma imagem, uma identidade” (MONTENEGRO, 2010:63). Entretanto, entendemos que toda memória pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios (POLLAK, 1992: 200-212). Afinal, as memórias não são restituições fiéis do passado, mas reconstruções, continuamente atualizadas e reconfiguradas (HALBWACHS, 1990).

Nesse momento iremos adentrar pela vida de um artista que também participou do Movimento Brigadista. Luciano Pinheiro, no momento da entrevista, retirou um acervo precioso de trabalhos, expôs textos que havia escrito, citando e explicando na medida em que os recordava, e os reelaborava na memória. Um artista que pinta suas telas, mas reflete sobre o aspecto político e ideológico do seu trabalho.

Em seu relato, Luciano Pinheiro descreve a casa onde viveu boa parte de sua infância como um arquiteto, falando principalmente das formas, mas também dos sabores que marcaram esta etapa da vida.

---

\* Mestre em História Social da Cultura pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Professora da Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde – AESA.

<sup>1</sup> Portelli afirma que a utilização dos relatos orais em uma pesquisa histórica exige uma nova percepção do historiador: “não apenas um desvio gramatical da terceira para a primeira pessoa, mas uma nova e integral atitude narrativa. O narrador é agora uma das personagens e o contar é parte da história é parte que está sendo contada”. PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, n.14, 1997: 25-39.

Meu nome é Luciano Pinheiro. Sempre reclamam, mas é esse mesmo. Não tenho outro. Nasci em Recife em 1946, na Rua Corredor do Bispo. Na casa dos meus avós. Era uma casa antiga, porta e janela. Eu sempre fui fascinado por casas antigas, talvez tenha sido por essa origem. Lembro do quintal e de tudo dessa casa. Na época existia na rua uma sorveteria muito famosa chamada Xaxá. (Entrevista com o artista plástico Luciano Pinheiro, Olinda, maio de 2011).

A sorveteria Xaxá ficava no início da Rua Bispo Cardoso Ayres e era local de grande circulação, sobretudo, dos alunos dos colégios próximos, o Nóbrega e o Colégio Eucarístico. A casa dos seus avós está mais presente em sua memória do que mesmo sua própria casa. A afetividade relacionada ao ambiente talvez explique a operação seletiva da memória, já que passado é, pois, universo de significados, disputados conflitivamente no presente. (POLLAK, 1989: 2-15)

Nos anos 60, ainda muito jovem, 16, 17, passei a frequentar quase que diariamente a casa do escritor Gastão de Holanda. Era um romancista que reunia em torno de sua casa uma série de artistas e intelectuais. Foi onde tive o primeiro contato com as artes. Através das imagens que tinha nas paredes, pois na minha casa não existia isso. Lá tive realmente os meus primeiros contatos com a arte visual, através dos livros, através da biblioteca que era fantástica. Nos finais de semana ele organizava os saraus que levavam pessoas que na época já tinham um nome, mas que hoje são muito mais conhecidas, por exemplo, Ariano Suassuna, João Cabral de Mello Neto, e Aloísio Magalhães. (Relato de Luciano Pinheiro)

Percebe-se em seu relato, a tentativa de afirmar um ponto inicial de contato com o mundo das artes. Luciano, dessa forma tece as representações construídas pelo jogo de lembrar e esquecer. O encontro com o Gastão de Holanda<sup>2</sup> foi eleito nesse processo de

---

<sup>2</sup> Gastão de Holanda foi um advogado, jornalista, professor, poeta, contista, editor, designer gráfico brasileiro. Fundou no Recife a editora O Gráfico Amador, em 1954, juntamente com Aloísio Magalhães, José Laurênio de Melo, Orlando da Costa Ferreira e Ariano Suassuna, em cujas oficinas foram impressos e editados livros de Carlos Pena Filho, Mauro Mota, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo

rememoração como esse “sistema de ideias-imagens de representação coletiva mediante o qual elas se atribuem uma identidade”:(PESAVENTO, 1995:16).

O encontro com os escritores citados foi propiciado, sobretudo, devido a Editora “O Gráfico Amador”, criado em maio de 1954 por Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, José Laurênio de Melo, e Orlando da Costa Ferreira, funcionava como uma oficina experimental de artes gráficas. Tinha como finalidade publicar pequenos textos literários, destacando a poesia, e as artes plásticas, em tiragens artesanais limitadas, muitas delas numeradas e assinadas pelos próprios autores.



**Fig. 24.** Símbolo de O Gráfico Amador<sup>3</sup>

A oficina marcou época pela originalidade e qualidade das produções. Contou com nomes como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Mauro Mota , Hermilo Borba Filho e Ariano Suassuna . Dentre os ilustradores, destacam-se Adão Pinheiro, Reynaldo Fonseca, Aloísio Magalhães e Orlando da Costa Ferreira. (LIMA, 1997).

---

Neto, Hermilo Borba Filho, Francisco Brennand entre outros. Ver BARBOSA, Ana-Mae. **Artes plásticas no Nordeste**. Revista Estudos Avançados. vol.11 nº.29 São Paulo Jan./Apr. 1997.

<sup>3</sup> Acervo de obras raras da Fundação Joaquim Nabuco.

Nessa casa tive minha formação, aos poucos comecei a desenhar. Era um trabalho muito tímido, com muita minúcia, muito detalhe, muito introspectivo... desenho em bico de pena. Era comum na época o artista começar desenhando e não pintando. Gastão vendo essas imagens gostou e me propôs fazer uma exposição. Foi ele que me colocou no cenário. Ele abriu a exposição na Galeria Casa Holanda, que ficava na Rua da Aurora, próximo onde hoje fica o edifício Capibaribe e Beberibe. Era uma fábrica de móveis muito conceituada e que tinha uma galeria de arte. Foi uma exposição de desenhos em bico de pena, e foi muito bom. Essa data pra mim, 1965, é quando eu passo a me considerar um artista. A exposição abre esse caminho. Antes eu fazia arte, mas não me considerava um artista. Não parei mais. Esse foi o primeiro momento que eu me coloquei em público. (Relato de Luciano Pinheiro)

A experiência com O Gráfico Amador permitiu que Luciano realizasse a primeira exposição coletiva, aos 19 anos de idade. O momento representa na vida profissional de Luciano Pinheiro um marco, um fator de reconhecimento<sup>4</sup>. No decorrer da sua carreira acumulou premiações dentre as quais estão o 5º, 6º e 7º Salão Nacional de Artes Plásticas no Rio de Janeiro, Prêmio de Aquisição de Pintura em 1982, Prêmio de Viagem ao exterior em 1983, e artista convidado *Hors Concours* em 1984.

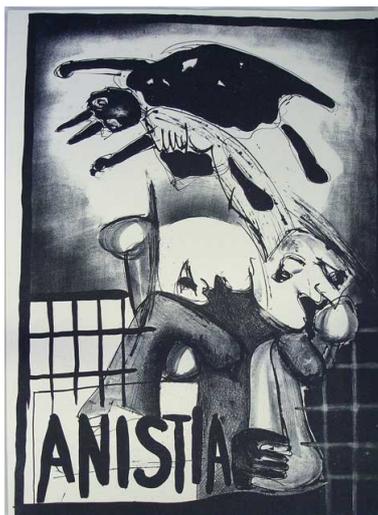
Por meio de João Câmara, o artista recifense iniciou seus contatos com a técnica litográfica, em 1977. Nesse mesmo ano outros artistas se uniram para formar o Grupo Guaianases e fundar, depois, a Oficina Guaianases de Gravura. A Oficina era aberta aos artistas plásticos, porém era necessário pagar uma determinada quantia pela “utilização das prensas e outros materiais, e também pelo trabalho dos impressores Alberto e Hélio”<sup>5</sup>. Por meio de um convênio firmado entre a Oficina e a Associação dos Artistas Plásticos Profissionais de Pernambuco (AAPP-PE), os associados da instituição

---

<sup>4</sup> Para Bourdieu, é necessário estabelecer uma relação entre a arte e o trabalho, analisando o surgimento da figura do artista, na concepção de campo artístico “como o lugar em que se produz e se reproduz incessantemente a crença no valor da arte e no poder de criação do valor que é próprio do artista”. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 104.

<sup>5</sup> **Diário de Pernambuco**, 10 de agosto de 1982, p. B-6.

poderiam fazer gravuras em metal, litografias e xilogravuras com um desconto de 20% pela utilização do material, e trabalho dos impressores.<sup>6</sup>



**Fig. 25. Anistia**

litogravura: p&b, 50x70 cm

Data: [19--]<sup>7</sup>

A imagem acima é de uma litogravura<sup>8</sup> realizada por Luciano Pinheiro, e revela-se uma manifestação velada de apoio ao movimento que se instaurava e que encontrava adeptos na arte. A palavra “ANISTIA” parece sair de uma prisão, bem como a figura de um homem que tenta desvencilhar-se de alguém que o segura, provavelmente representando àqueles que tiveram sua liberdade cerceada durante o período de exceção. A ave que voa acima das personagens, assume o papel dos que deixaram o país, exilados. A obra foi realizada na Oficina Guaianases de Gravura.

Fundada através de alguns artistas, em torno de uma antiga prensa de pés de madeira, em uma pequena casa na Rua Guaianases, no bairro de Campo Grande tornou-se um dos mais importantes núcleos de litografia do país. Com o tempo, a Guaianases

<sup>6</sup> **Diário de Pernambuco**, 10 de agosto de 1982, p. B-6.

<sup>7</sup> Fonte: Biblioteca Joaquim Cardoso - BJC/CAC – UFPE. Editor: Oficina Guaianases de Gravuras, Olinda - PE

<sup>8</sup> Litogravura é um processo de impressão em pedra calcária sobre o papel.

comprou pedras e prensas, instalou-se em Olinda, na Ribeira, por meio de um convênio com a Prefeitura.<sup>9</sup>

Tem a geração dos Carasparanambuco que fizeram um grupo que funcionou. A Quarta Zona de Arte. Eu digo isso porque eu fui muito ligado a esses grupos, dessas pessoas que vieram depois de mim. Até porque eu vinha participando de grupos antes, anteriores a esses, como a Guaianases, o Atelier Aurora junto com Cavani. Enfim, a gente tinha essa ideia de juntar pessoas e fazer as coisas. E essa ideia faz um pouco parte do artista pernambucano, pelo menos uma grande parte desses artistas viveu a experiência coletiva. (Relato de Luciano Pinheiro)

A experiência na Oficina Guaianases foi de coletividade, um envolvimento que foi importante na criação do movimento de brigadas. Até o ano de 1978, Luciano dividia suas horas de trabalho em duas funções: arquiteto no funcionalismo público e artista plástico durante as madrugadas. O envolvimento, sobretudo com a Oficina Guaianases lhe conduziu a abandonar o emprego, e se dedicar exclusivamente à arte: “eu não tinha mais tempo, nem cabeça de passar oito horas no trabalho e depois pintar até de madrugada como eu fazia. Resolvi assumir totalmente a pintura como profissional e tentar viver dela”. Luciano Pinheiro desde então, se destacou como desenhista, litogravador e aquarelista, a partir de 1979 incorporou uma nova técnica à sua linguagem: a pintura a óleo.

---

<sup>9</sup> Fonte: SUPLEMENTO CULTURAL: Coletânea 1988. Recife, 2006. Anual. Novembro, p. 5.



**Fig. 26. Arqueologia do Futuro**

60 x 90cm

Acrílico sobre tela

Olinda, 1982.<sup>10</sup>

A pintura de Luciano possui uma conotação expressionista, onde é possível perceber a influência da ficção científica, com clima de estranheza e fantasia, e da arte infantil, da qual o artista assimila a espontaneidade e a liberdade criativa. Suas obras são pautadas pela emoção em cores vivas de rica textura, pelo espírito lúdico presente nos jogos das formas, bem como pelo próprio ato de criação. O artista, por vezes fez dos filhos ainda pequenos co-autores de seus trabalhos.

Numa fase de parceria com os filhos, Marcos de 5 anos e Maria de 7 anos, Luciano Pinheiro mostra ao público pernambucano aficionado por artes plásticas que não eliminou o seu senso crítico nem o alienou das questões sociais. Apenas, deu-lhe uma visão mais ampla do mundo. Ao todo são 22 telas a óleo, algumas delas pintadas em conjunto com os meninos. “Eles sempre se interessaram pela minha pintura, e não queria ser aquele pai chato que proíbe os filhos de passar o dedo nas telas. Então desde o início eles vinham, olhavam, criticavam, davam sugestões. Depois passei a colocar nos quadros suas marcas. Hoje só ponho nome numa tela depois de ouvir a opinião das crianças”.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Fonte: Imagem disponível em [www.lucianopinheiro.com.br](http://www.lucianopinheiro.com.br). Acessado em 13 de setembro de 2011, às 20:00 hs.

<sup>11</sup> **Diário de Pernambuco**, 04 de maio de 1982, p. B-1.

A matéria do jornal de 1982 mostra que o pintor já estabelecia uma relação com as crianças e sua arte. Ter as crianças interagindo nas obras será mais evidenciado na formação da Brigadinha Portinari. “Filha” da Brigada Portinari, a Brigadinha, foi uma oportunidade de crianças participarem das mobilizações, como afirma Luciano Pinheiro:

Muita gente queria participar. Era liberado. Chegou um momento, inclusive que tinha o painel das crianças, que a gente levava os filhos. Cada pessoa que tinha filhos levava e na hora as crianças também pegavam e faziam a Brigadinha Portinari, fazia parte, porque era realmente uma festa. Eram as crianças. Nossos filhos que acompanham a gente. Então pintavam a parte de baixo do muro. No início não era assim, mas depois o metro do muro pra baixo era das crianças. A maior parte das pessoas que iam, não eram só os filhos dos artistas não, os filhos das pessoas que iam acompanhar a gente. (Relato de Luciano Pinheiro)



Fig. 27 e Fig. 28. Murais da Brigadinha Portinari<sup>12</sup>

Uma dessas crianças foi Daniel Gondim Rozowykwiat, advogado, que desistiu da profissão para ingressar no mundo das artes. Hoje Daniel é fotógrafo e assistente de Tereza Costa Rêgo, sua avó. Apesar de muito jovem – tinha sete anos em 1982 – narra algumas das impressões e lembranças dos eventos:

<sup>12</sup> Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.

Era meio que uma farra. Eu ia principalmente para os muros de Cristina Tavares. Desde pequeno tinha uma coisa com Cristina Tavares, gostava das histórias e ela era amiga da minha mãe. Que me lembre, pinte um muro só na minha vida inteira, eu, autor Daniel. Mas todos que a minha avó fez ia de assistente. Carregava as tintas, pincéis, e ela dizia: “bote um vermelho aqui, bote outra cor ali. (Entrevista com o fotógrafo Daniel Gondim Rozowykwiat, Olinda, maio de 2011).

Cada reunião era marcada com antecedência e contava com a presença de militantes políticos, “você encontrava todas as pessoas que estavam fazendo campanha junto”<sup>13</sup>. Políticos, por vezes, se faziam presentes no ato. Era uma ação para chamar a atenção da população. No momento da elaboração dos murais, a imprensa se fazia presente “ia o jornal, a televisão, filmavam. Muitas vezes a gente estava trabalhando e filmaram. Queríamos que a mídia desse espaço para a gente fazer a nossa política através da arte”<sup>14</sup>.

#### Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Ana-Mae. **Artes plásticas no Nordeste**. Revista Estudos Avançados. vol.11 n°.29 São Paulo Jan./Apr. 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LIMA, Guilherme Cunha. **O Gráfico Amador: as origens da moderna tipografia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MONTENEGRO, Antônio. **História, Memória e Metodologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>13</sup> Entrevista com o fotógrafo Daniel Gondim Rozowykwiat, Olinda, maio de 2011

<sup>14</sup> Entrevista com o artista plástico Luciano Pinheiro, Olinda, maio de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história:** Imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, ANPUH, São Paulo: Contexto, v. 15, n 29, 1995.

PINSK, Carla Bassanezi. LUCA, Regina de. (orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989.

**SUPLEMENTO CULTURAL:** Coletânea 1988. Recife, 2006. Anual. Novembro, p. 5.

## Fontes documentais e Acervos de Pesquisa

Acervo de obras raras da Fundação Joaquim Nabuco.

**Diário de Pernambuco**, 04 de maio de 1982

**Diário de Pernambuco**, 10 de agosto de 1982.

Biblioteca Joaquim Cardoso - BJC/CAC – UFPE. Editor: Oficina Guaianases de Gravuras, Olinda - PE

[www.lucianopinheiro.com.br](http://www.lucianopinheiro.com.br). Acessado em 13 de setembro de 2011, às 20:00 hs.

Entrevista com o fotógrafo Daniel Gondim Rozowykwiat, Olinda, maio de 2011

Entrevista com o artista plástico Luciano Pinheiro, Olinda, maio de 2011.